


Olga Savary (1933-2020) & Maria Lúcia Alvim (1932-2021): homenagem a duas grandes poetisas levadas pela Covid 19*Olga Savary (1933-2020) & Maria Lúcia Alvim (1932-2021): a Tribute to Two Great Poets Taken by Covid 19*


Ayana Moreira Dias

 <https://orcid.org/0000-0003-4032-9540>

Cecilia Silva Furquim Marinho

 <https://orcid.org/0000-0002-4818-908X>

Maira Luana Moraes

 <https://orcid.org/0000-0002-3437-5930>

Mariana Diniz Mendes

 <https://orcid.org/0000-0003-0796-2627>DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.188698>URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/.188698>

Recebido em: 21/07/2021. Aprovado em: 24/07/2021.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira


São Paulo, Ano 10, n. 18, jan.-jul., 2021.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

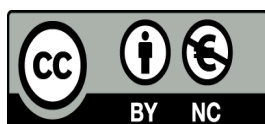
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.  fb.com/opiniaes

Como citar (ABNT)

DIAS, Ayana Moreira et al. Olga Savary (1933-2020) & Maria Lúcia Alvim (1932-2021): homenagem a duas grandes poetisas levadas pela Covid 19. *Opiniões*, São Paulo, n. 18, p. 548-589, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.188698>
Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/.188698>

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)

Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais

olga savary (1933-2020)
& maria lúcia alvim (1932-2021):
homenagem a duas
grandes poetas
levadas pela covid 19

*Eu olharia quieta teu corpo tempo infinito
mas não sei o que seria pior :
a imobilidade ou esta idéia fixa.¹*

*ficar sentada sobre os meus joelhos
como alguém coagulado em outra margem.
Daqui dou o viver já por vivido.²*

*A flauta das ondas – fino jade –
embala os três barquinhos brancos,
berçando-os na inquietação salgada.³*

olga savary

*Pleitear o Mistério me deixou desfigurada
- Ninguém viu, tiziu.⁴*

*O Bem virá depois, para ficar.
Ao contrair o Sol, zarpo de bruto:
Meeira me aboleto, sabiar.⁵*

*No amor que tu me deste, eu era assim
E trás da lua cheia, eu era assim
E quando fui caveira, eu era assim⁶*

maria lúcia alvim

¹ “Desperdício” (SAVARY, *Espelho Provisório*, 1970, p. 84)

² Três últimos versos de “Sextilha Camoniana” (SAVARY, *Sumidouro*, 1977, sem número de página)

³ “Vinheta” (SAVARY, *Altaonda*, 1979, sem número de página)

⁴ Poema sem título. (ALVIM, *Batendo Pasto*, 2020, p. 64)

⁵ Último terceto do soneto “do usufruto” (ALVIM, 2020, p. 83)

⁶ Último terceto do soneto “cantiga de roda”. (ALVIM, 2020, p. 84)

Vozearia literária: autoria feminina em coro não poderia deixar de prestar homenagem a duas grandes poetisas que nos deixaram recentemente em plena maturidade de sua produção: Olga Savary e Maria Lúcia Alvim.

Além de possuir uma extensa lista de títulos relevantes publicados como tradutora, de ter organizado e participado de diversas antologias, e atuado como jornalista de forma contínua ao longo de sua vida, Olga Savary publicou uma dúzia de livros de poesia, reunidos, em 1998, com o título: *Repertório Selvagem*. Em entrevistas, Olga dizia que, desde a meia idade, já divorciada, decidiu manter-se casada somente com o seu trabalho literário. O poeta Matheus Guménin Barreto, que a visitou em seu apartamento no Rio de Janeiro, em 2019, encontrando-a juntinho de seu grande amor, a literatura, relatou: “Não dá para ignorar a Olga Savary, viva e ativa (sim, trabalhando do alto de seus 86 anos em mais de oito projetos de livro atualmente)”.

Maria Lúcia Alvim, após lançar seis livros de poesia, entre 1959 e 1989, sendo um deles sua poesia reunida, seguidos de uma pausa de mais de trinta anos, finalmente publicou *Batendo Pasto*, em 2020. É certo que o volume trouxe a lume poemas escritos na longínqua década de 1980, mas é certa também a afirmação de Guilherme G. Flores, em um dos prefácios a essa edição: “saí agora com a força de um livro escrito na semana passada”. E a constatação que fecha esse prefácio: “Maria Lúcia está vivíssima, resta um público leitor igualmente vivo”.

Infelizmente, a energia vital das duas escritoras homenageadas foi duramente atingida pelo descaso intencional no combate à pandemia que assolou o mundo desde início de 2020, descaso promovido pela nossa política governamental atual, agressivamente neoliberal e com tendências fascistas e autoritárias.

Cada uma dessas mulheres, com diferentes trajetórias pessoais e profissionais, e obras também distintas, têm em comum o fato de terem sido duas poetisas, lúcidas octogenárias, cuja qualidade de sua produção poética ainda se mantinha à sombra de outras produções mais visíveis, numa sociedade marcada por silenciamentos vários, entre eles o das mulheres. Dessa forma, com algumas exceções, o impacto dessas partidas não foi abordado pela mídia, e mesmo pelos círculos literários, como merecia. A presente edição procura compensar, de alguma forma, essa desatenção.

A homenagem prestada de forma pessoal e livre, devido aos fortes vínculos que os poetas e (ou) tradutores possuíam com Olga e Maria Lúcia, traz depoimentos que revelam um pouco da natureza criativa, dos impulsos, passos, versos e legados dessas duas autoras. Além de contar com ilustrações exclusivamente elaboradas, por Isabela Sancho (em técnica de lápis e grafite), de cada uma das escritoras. Transferimos aos nossos convidados a tarefa de iluminar as faíscas que essas grandes mulheres nos deixaram: Prisca Agustoni e Laisa Kaos falam de Olga Savary, enquanto Álvaro Antunes e Guilherme Gontijo Flores rendem seus tributos a Maria Lúcia Alvim. Boa leitura!

Editoras da Opiniões n. 18

Ayana Moreira Dias, Cecília Silva Furquim Marinho,
Maira Luana Moraes e Mariana Diniz Mendes



Mabel Machado . 21

olga savary por prisca aguston⁷: porque hoje quero dizer: muito obrigada, olga.

Entrei em contato pela primeira vez com a obra de Olga Savary no final dos anos noventa quando comecei a me interessar pela poesia brasileira e, em particular, pela poesia de autoria feminina daquele tempo. Os livros de Olga Savary estavam na casa do meu companheiro, o poeta Edimilson de Almeida Pereira, porque os dois mantinham uma discreta e sincera correspondência poética. Assim que descobri sua obra, a leitura de seus poemas (e de suas cartas) me impactou pela singularidade de sua voz e pela força de um feminino – de sua voz e de seu corpo – que se assumia sem rêmoras e sem condescendências.

Hoje sou professora de literatura italiana e comparada na Universidade Federal de Juiz de Fora, trabalho principalmente com o campo do poético, e é com alegria que posso, minimamente, seguir a lição que ela nos deixou no sentido de promover incansavelmente entre meus pares a leitura e a difusão da poesia brasileira contemporânea. Assim como ela, penso ser necessário que a voz dos que vieram antes de nós continue ecoando, junto com os nossos contemporâneos, dentro das salas de aula, nos manuais e antologias, nos cadernos literários e em cursos universitários.

Esse texto não pretende ter um caráter crítico, mas deseja ser uma singela homenagem afetiva à trajetória e à generosidade da Olga Savary, poeta, tradutora e incansável divulgadora da poesia brasileira.

Dona de uma obra vasta e diversificada, mulher ativa no campo da tradução da poesia latino-americana e da constante promoção da poesia brasileira (dentro dos perímetros nacionais e fora deles, principalmente nos países hispano-americanos), associo ao nome e à obra de Olga Savary algumas palavras emblemáticas daquilo que acredito ter sido seu corolário ético e estético, que dizem respeito a sua relação com a palavra e com o campo literário: a vitalidade, a curiosidade, a coragem e a liberdade.

A **vitalidade** é um aspecto que se desprende da leitura de seus livros, em especial o *Repertório Selvagem*, de 1998, no qual é possível percorrer os 12 livros que compõem sua obra reunida. Neles, é possível perceber como a inquietação profunda é razão central da sua procura poética: o olhar sempre atento para a tradição oral brasileira, para a tradição indígena, particularmente a tupi-guarani, e para a potência das narrativas míticas. Muitos são os temas que atravessam sua poesia, a partir de um olhar feminino, que muitas vezes se define claramente como

⁷ Prisca Agustoni é poeta, tradutora, crítica literária e professora de literatura italiana e comparada na Universidade Federal de Juiz de Fora. Escreve e se autotraduz em italiano, francês e português e faz desse trânsito entre as línguas seu motor de criação.

tal, mas sempre como ponto de partida em direção ao outro porque o vê como parte integrante, essencial, da sua própria existência.

Por outro lado, a **curiosidade** me parece ser um dos traços mais importantes para qualquer escritor, curiosidade entendida como motor invisível que gera um movimento interior em direção ao outro, ao desejo de conhecimento, à fertilidade, à vida. Em Olga Savary, essa curiosidade extrapola o campo do olhar ou da apreensão racional do mundo. O corpo feminino e o corpo do poema se fazem receptáculos de conhecimento do real e veículos de experiências sensoriais e transformadoras, como é evidente no erotismo que perpassa muitos dos seus textos.

O poema que encerra a obra reunida pode ser citado aqui para ilustrar sua busca incansável por esse salto transformador rumo a outra dimensão, mais plena e vital, apesar de momentânea, e por isso mesmo, sempre sujeita à curiosidade que desloca, que anima o humano:

COMUNHÃO

Por que escrevo?
 Porque sou
 pouca e mínima
 embora vária,
 porque não me basto,
 escrevo
 para compensar
 a falta,
 porque não quero ser
 só raiz e haste
 e preciso do outro
 para dar sombra
 e fruto.

A **coragem**, por sua vez, é um aspecto destacado pela crítica que se debruçou sobre seus livros, em particular no que tange o livro *Berço Esplêndido*, quando observaram como Olga tentou integrar um olhar cosmogônico (relativo à força telúrica e mitológica de suas origens amazônicas) no campo da percepção do feminino e da palavra poética, profundamente atravessadas pela vivência da sensualidade do próprio corpo e da linguagem. Além disso, Olga Savary comentou várias vezes, em entrevistas e depoimentos, sobre sua tentativa de quebrar as prerrogativas e os paradigmas da cena da poesia brasileira com a qual ela dialogou durante toda sua vida. Uma cena literária profundamente marcada pela predominância de importantes vozes masculinas, que ela admirava e homenageava, sempre reafirmando, no entanto, sua perspectiva feminina. O repertório fotográfico que acompanha a obra reunida apresenta uma Olga Savary em diferentes momentos públicos da sua vida, quase que totalmente cercada pela companhia de ilustres homens do mundo das letras.

Para finalizar essa breve homenagem, parece-me evidente que um dos pontos mais importantes a ser destacado sobre a obra e a atuação de Olga Savary no panorama da poesia brasileira foi a constante procura por ser uma poeta-pessoa livre, livre de dialogar com todos e qualquer um, livre de extrapolar os padrões estéticos impostos pela sociedade, livre de se apresentar como articuladora de iniciativas que reagrupassem poetas brasileiros das mais variadas tendências e gerações em antologias que ela idealizava e organizava, livre de se deixar atravessar pelas origens plurais de sua família e pelos deslocamentos – físicos e simbólicos – que caracterizam todo ser humano.

Como poeta, como tradutora, como crítica e como leitora de poesia, não posso encontrar legado mais importante e significativo, para mim e para quem vier depois de mim, do que esse constante sopro e contagiante desejo de **liberdade**.

Obrigada, Olga.

olga savary por laisa kaos⁸. olga, a poeta das águas

A poesia erótica sempre foi algo que me arrebatou; falar sobre desejos de uma maneira poética e não-pornográfica é um ofício que me causa encanto. Mais ainda quando essa é produzida por mulheres, já que nossos desejos foram silenciados por tantos anos. Foi desta maneira que me deparei com o trabalho de Olga Savary, uma pioneira, já que segundo a recepção do seu livro *Magma* - e como ela mesma fazia questão de pontuar - seria o primeiro livro composto inteiramente de poesia erótica escrito por uma mulher no Brasil. Me identifiquei imediatamente com o uso que a mesma fazia da água para representar o desejo feminino.

Assim como eu, que mesmo antes de conhecê-la já trazia os rios e a chuva em minhas poesias. Duas mulheres de gerações diferentes, escrevendo sobre o mesmo tema, usando a mesma ilustração, não por coincidência. Assim como eu, Olga Savary era paraense, nascida em Belém do Pará, cidade banhada pelos rios que ela tanto gostava, e onde encontrou suas primeiras inspirações, dizia ela que a inspiração estava em todos os lugares, que bastava olhar com olhos de poeta, e que os rios que por Belém passavam, foram sua inspiração ainda na adolescência. Logo, a admiração deu lugar a uma vontade enorme de conhecer a poeta, de explorar a sua obra tendo ela própria como guia. Em 2019, após o lançamento de meu livro de poesias *Lábio Aberto*, iniciei uma jornada de rodas de conversa voltadas ao universo feminino, como a relação de nós mulheres com nossa própria sexualidade. Iniciava as rodas falando um pouco sobre as mulheres que fizeram e fazem poesia erótica em nosso país, como Gilka Machado, Paula Taitelbaum e a própria Olga, entre outras. Minha intenção é seguir com uma pesquisa acadêmica sobre a obra de Olga Savary, e o que era para ser um caminho para a pesquisa, deu vazão a um grande carinho que causa saudade. Conheci Olga através dos escritores Matheus Gumérin Barreto e Rafael Duarte, este segundo tendo acompanhado de perto minha busca em iniciar a pesquisa, e foi ele quem me entregou um papelzinho com o telefone de Olga anotado, junto com o aviso de que ela preferia receber ligações após a meia noite. Liguei alguns dias depois de receber o contato, após fitar várias vezes o papel que estava fixado em minha cabeceira. O primeiro “Alô, Olga Savary?” saiu tremendo, denunciando o nervosismo que eu tentava controlar. Do outro lado do telefone, uma voz forte me atendeu e ficou resistente nos primeiros cinco minutos ou menos. Ao dizer que era poeta e também paraense, o silêncio foi dando espaço a uma troca de experiências que adentrou a madrugada. Nos identificamos, rimos, a primeira ligação terminou pouco antes de quatro horas da manhã, e assim foi em

⁸ Laisa Kaos lançou o livro de poesia *Lábio Aberto* em 2019. Atualmente trabalha em seu próximo livro: *Por Nós Chega, contos para não ninar meninas*. Paralelamente desenvolve um trabalho voltado ao combate a violência contra a mulher, com rodas de conversas e debates. É graduada em História pela Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA) e pós-graduanda em Especialização em Docência no Ensino Superior pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP). E-mail: laisakaos@hotmail.com.

todas as outras chamadas que fizemos. Chamadas onde pude conhecer a poeta, a tradutora, a crítica, e a humana Olga. Nos próximos parágrafos, divido um pouco das conversas, das histórias, e da aventura que foi a passagem de Olga Savary em minha vida. Exponho aqui um pouco da pessoa por trás da autora que tanto merece ser lida e respeitada.

Foi no Colégio Moderno em Belém do Pará, por volta de 1951, que Olga passou a escrever cartas para os pretendentes de suas amigas, com versos que os mesmos acreditavam terem sido escritos pelas suas amadas. “Esse casal de amigos, começou a namorar no colégio, quando eu escrevia as cartas para ele, como se tivessem sido escritas por ela. Eles vieram a namorar de verdade, com a família aprovando e tudo, e casaram. Eu sempre brincava que eles me deviam esse casamento. Não fosse por mim os dois talvez não estivessem nem juntos.” - Contava ela, orgulhosa de seu feito. Sua performance com as palavras já era notável naquela época, já ouvia críticas positivas de seus professores no colégio, e segundo ela própria, já sabia que não viveria sem poesia. Aos 86 anos escrevia todos os dias, e lia com a voracidade de quem realmente precisa manter-se envolvida com os livros diariamente. A escrita fazia parte da vida de Olga como o próprio oxigênio, aliás, uma vez ela usou esta alusão. Muito lúcida e ativa, recebia ligações noturnas por opção, não gostava de falar ao telefone durante o dia, pois costumeiramente estava envolvida em serviços domésticos, ou com afazeres fora de casa mesmo que esses fossem mais raros. Vez ou outra ela precisava ir até os correios enviar livros ou cartas. Não gostava de internet, não gostava de computador, não gostava de máquinas. “Eu detesto máquina, até minhas roupas eu lavo na mão, eu mesma faço tudo aqui em casa, lavo, limpo, cozinho” – dizia ela. Quanto à internet, ela dizia que era um lugar permeado por informações pela metade, e muitas das vezes falsas – não estava errada - Ficava irritada quando tinha notícia de alguma informação distorcida a seu respeito.

Uma vez me pediu que procurasse os sites que trouxessem informações sobre ela, e após eu lhe contar sobre o que li, ela foi corrigindo as informações com certa inquietação compreensível. Informei-lhe de alguns sites falando de 15 livros publicados, ela irritou-se e disse: “Mais de vinte! Você está vendo? Por isso tenho horror a internet.” Ela também apontou outros incômodos, como a falta de menção a ela quando o assunto era *O Pasquim*, jornal independente brasileiro surgido no final da década de sessenta, do qual ela participava ativamente das reuniões e decisões. Na época, era casada com um dos fundadores, o cartunista Jaguar. Olga era uma mulher das letras, completamente. Poeta, romancista, contista, tradutora, jornalista, crítica. Dedicou a vida inteira ao seu trabalho literário, amava o que fazia e se orgulhava.

Embora a recusa ao uso da tecnologia, Olga era uma mulher atual, sempre atenta às notícias, reclamava do cenário político e compartilhava com fúria sua opinião. Uma fúria que ficava clara em seu tom de voz, mesmo que sempre muito educada, muito culta. Não tinha como alguém trocar palavras, por dez minutos que fosse, com Olga Savary e não ter uma admiração imediata por sua força e lucidez. Foi desta maneira que meu encanto foi crescendo e, para além da pesquisa, fomos criando um laço de amizade que crescia a cada ligação notívaga. “Ligue mais vezes, eu gosto quando você liga, às vezes eu demoro por estar no escritório e de lá não

ouço o telefone tocar, estou esperando alguém vir aqui para mexer no volume do aparelho telefônico, pois está tocando muito baixo” – disse ela, em uma das últimas trocas que tivemos.

Todas as conversas com Olga eram riquíssimas e eu sempre saía com a sensação certa de que precisava aprender muito. Falávamos sobre quase tudo, eram conversas sobre literatura, sobre como ela via o atual cenário literário, ela me advertia sobre erros que eu não deveria cometer neste sentido, dizia, por exemplo, que existe uma grande diferença entre literatura erótica e literatura pornográfica, que a beleza mora na sutileza. Por vezes nos perdíamos em vários assuntos, começando com ela falando sobre sua avó materna, que possuía origem indígena e de quem ela tinha grande orgulho, adiante, estávamos falando sobre seu gosto por chocolate: “eu era verdadeiramente uma chocólotra, mas deixei de comer chocolate com frequência devido ao diabetes” – dizia. Várias vezes, inclusive, falamos sobre receitas e possíveis alternativas saudáveis para saciar sua vontade de comer doce.

Foi em uma das primeiras conversas que Olga me contou sobre a paixão que Carlos Drummond de Andrade, seu primo, nutria por ela. Mesmo sendo completamente respeitoso. Assim como ele, vários outros nomes da literatura e das artes plásticas encantavam-se com Olga, que além de culta, dona de uma personalidade forte e talentosíssima, era uma mulher linda. Foi retratada diversas vezes por artistas que a conheciam, despertou várias paixões, inclusive em seu primo famoso. Poderia contar inúmeros casos sobre os quais falamos. Sobre ela preferir ser chamada de poeta (ela e eu) mesmo dizendo que achava poetisa bonito e que não se incomodava, disse que se fosse para escolher preferia poeta, pela maneira que poetisa, por vezes, lhe soava pejorativo. Poderia também falar sobre uma vez que ela chegou a um determinado bar em São Paulo, muito bem frequentado, pelos artistas homens é claro, e ao chegar foi comunicada de que não podia entrar por ser mulher, e aquele não era um ambiente indicado para mulheres. Ao ouvir tal absurdo, respondeu “Mas quem disse que eu não posso entrar? Vou entrar sim!” E entrou. Sempre que ela contava este episódio, ria orgulhosa. Olga foi a principal tradutora de Pablo Neruda no Brasil, e contou que uma vez cruzou com ele em uma rua no Rio de Janeiro e não teve coragem de lhe falar. Ela dizia: “naquela época eu era muito boba, se fosse hoje eu teria falado”. Aos 38 anos recebeu o Prêmio Jabuti como autor revelação por *Espelho Provisório*. Logo depois vieram *Sumidouro* (1977) e *Altaonda* (1979). Em 1982 passou algumas semanas na casa de uma grande amiga apaixonada por cachorros, essa amiga era Hilda Hilst, de quem Olga sempre falou com saudade e bom humor. Foi durante a estadia no sítio de Hilda, que *Magma* foi finalizado. Nascia então o que Olga aceitou como o primeiro livro de poesia erótica escrito por uma mulher no Brasil. Sobre ele, Olga me contou mais um episódio forte. Um dia, chegando até a casa de seu editor, recebeu o que seria a capa: a imagem de uma mulher nua e sem cabeça. Imediatamente ela avisou que não aprovara e que não seria publicado com aquela capa. “Uma mulher sem cabeça? O que você quer dizer com a imagem de uma mulher sem cabeça na capa do meu livro? Se já tem muitas impressas, o problema não é meu. Não quero esta capa.” E a arte foi substituída dando lugar ao trabalho de Tomie Ohtake, como ela quis. A capa de *Magma* possui uma sombra que lembra os pelos pubianos femininos, discretamente, e foi exatamente assim que ela descreveu. Lembro, como

se fosse hoje, de nossa conversa do dia 08 de maio de 2020, o que viria a ser a nossa última troca. Olga tossia, e estava mais cansada do que o habitual, fazendo algumas pausas em sua fala, tomando fôlego, e ao rir a tosse sempre voltava. A alertei sobre a insistência do sintoma e pedi para que a mesma procurasse um médico, ela dizia que a tosse a acompanhava há cinco anos aproximadamente, e que era uma manifestação de sua alergia a poeira, que acumulava devido a quantidade de livros que tinha em casa. De fato, sempre que falávamos ela tinha uma tosse leve, vez ou outra, mas nada parecido com o que aconteceu naquele dia. Pedi para que ela ficasse em casa, e ela disse que só havia saído para ir até o mesmo destino de sempre, os correios. Citou que esquecera a máscara e que uma senhora, que conversou com ela na fila do estabelecimento, ofereceu-lhe uma máscara que tinha a mais. Prometeu-me que, se o sintoma persistisse, contataria a filha que mora em Teresópolis e a avisaria sobre a necessidade de ir ao médico. Faço uma observação sobre essa questão, Olga dedicou a vida inteira à literatura, e aos 86 anos vivia com a aposentadoria que era de 1 (um) salário mínimo. Recebia, raramente, alguma outra quantia, quando vendia livros ou realizava algum trabalho literário para alguém. Ela chegou a citar que, naquele período, incansável, como amante do ofício da escrita, estava trabalhando em dezenove obras, entre edições e traduções. A condição financeira em que vivia impossibilitou-a de ter cuidados básicos como uma ida mais frequente ao médico, e, no momento pandêmico – o qual ainda estamos vivendo – ela dizia que se sentia mais segura em casa, do que expondo-se por horas em um hospital. Mesmo com o cansaço e tosse que a acometiam, a conversa do dia 08 mostrou uma Olga leve, quase me atrevo a dizer que mais leve que de costume, me ensinou a dizer “boa noite” e “obrigada” em russo, me fazendo repetir diversas vezes e rindo quando pronunciei errado a primeira vez. Depois dessa conversa, em que falamos sobre a urgência da pandemia ser resolvida para que eu fosse até o Rio de Janeiro visitá-la, fiquei aguardando ansiosamente a madrugada do dia 21 chegar. Olga faria 87 anos, e eu planejava a ligação onde desejaria as melhores coisas. Dia 16 de maio de 2020, aproximadamente duas horas após a notícia do falecimento do também poeta paraense Cláudio Cardoso, veio a notícia do falecimento de Olga Savary. Ambos partiram pelo mesmo motivo, ambos levados pela Covid 19. Deixando, além de uma vasta obra, embora pouco conhecida não só popularmente, mas dentro da própria academia, a certeza de que poeta no Brasil morre de fome, confirmando as palavras de Olga há alguns anos atrás. A partida da poeta nos possibilita e provoca várias reflexões, a primeira que proponho é: Qual o motivo de uma poeta gigantesca como Olga Savary, contemporânea de nomes igualmente gigantes, como o próprio Drummond, ter tido sua obra quase que guardada sob o escuro do silêncio? Uma vez, Olga citou que Hilda fora chamada de louca por ter escrito eroticamente, mesmo que no movimento modernista, já existissem homens fazendo literatura erótica. Quais os motivos de conhecermos os homens da literatura brasileira em detrimento das mulheres?

Como minha homenagem pessoal a Olga, digo que seguirei escrevendo e promovendo as mulheres que escrevem, seguirei acreditando na poesia, e seguirei levando a poesia dela, a quem quiser conhecer, a quem se deixar embriagar pelas águas barrentas dos rios paraenses, que transbordam nas palavras de Olga Savary.

Finalizo com Ycatu, poesia do livro *Magma*, de Olga Savary.

Ycatu (do tupi): água boa.

E assim vou

Com a fremente mão do mar em minhas coxas.

Minha paixão? Uma armadilha de água,

Rápida como peixes,

Lenta como medusas,

Muda como ostras.



Thaís Paracho . 21

maria lúcia alvim

por alvaro a. antunes⁹.

à luz de lúcia

1

Na década de 1980, sete amigos¹⁰, sofrendo da embriaguez de antigos sonhos, fundaram uma editora em Além Paraíba, uma cidade sonolenta às margens do Paraíba do Sul — a única cidade mineira que ele, um rio paulista e fluminense, se digna banhar. A ideia, também antiga, era publicar livros clássicos (diziam eles) que as grandes editoras da época (e de épocas anteriores) costumavam, então, ignorar. Chamaram-na Interior Edições, e viveu o tempo de publicar Henry James, Lewis Carroll, Giacomo Leopardi e Safo — um quarteto, perto de impecável, penso, e diverso, por muitos ângulos, se não obviamente harmônico. Foi a Interior que trouxe a nós Maria Lúcia Alvim.

2

Ela, por esses anos, vivia no Pontal, uma pequena propriedade rural perto de Além Paraíba, em Trimonte, um distrito de Volta Grande, onde seus antepassados foram grandes proprietários. Intrigada pelo nosso interesse nas letras, e metodicamente seguindo o endereço estampado nos livros (o da casa de Marilene e Carlos), Lúcia (como a chamamos) nos encontrou. O primeiro contato fora uma sondagem sobre a possibilidade de a publicarmos, mas a Interior era uma empreitada quixotesca, de fundo de quintal, muito aquém do que merecia (em termos de alcance, tecnologia, mecanismos de publicidade, divulgação e distribuição) uma poeta como Lúcia. Nunca fiquei sabendo o quanto o nosso amor amador a desapontou, mas logo ficou muito amiga de Marilene e Carlos. Estes sempre foram o interior da Interior, e esta semente passou a interessá-la mais do que aquela. A amizade entre eles três cresceu; um guapuruvu floruiu.

3

Através de Marilene e Carlos, me encontrei com Lúcia pela primeira vez em 1997, no Pontal, numa tarde de morno inverno. Senti que ela (como em todos os outros nossos encontros) parecia se equilibrar numa corda bamba de timidez, ativa e cuidadosa, e carinhosa calidez. Este delicado titubeio parecia se desfiar ar afora a cada palavra-passo na conversa; vinha, penso, da emoção que era dela (que lhe era) pura, inteira entranha. Riu pouco; ouviu muito. Os olhos firmes, *fières*

⁹ Álvaro A. Antunes nasceu em Além Paraíba, MG. Foi professor universitário no Reino Unido, onde mora há muito. Na década de 1980, traduziu para a Interior Edições, obras de Henry James, Lewis Carroll, Giacomo Leopardi e, indiretamente, Safo. Mais recentemente, traduziu poemas longos de Mina Loy e Hope Mirrlees para a revista eletrônica Escamandro.

¹⁰ Marilene Barino e Carlos Torres Moura, Regina Fernandes, Antonio Jaime Soares, Dilma Sahione e Clinton Mota, e eu.

(palavra da outra língua em que vivia); nas mãos, opostas, tremiam longas cinzas os cigarros. Muito da eletricidade quase contida daquele primeiro encontro talvez se deva ao ter sido tão tardio. Há muito, Lúcia convivia com Marilene e Carlos, mas eu moro, desde o fim dos anos 80, no Reino Unido (onde fui pesquisador e professor universitário até, mais recentemente, me aposentar). Um oceano de distância e meu tempo escasso me impediram de ter ido antes ao seu encontro. E Lúcia tinha desígnios para mim.

4

Para a minha tradução dos *Canti* de Giacomo Leopardi que saíra pela Interior Edições, escrevi uma apresentação, extensa e intensa, na qual tentei entretecer a vida e a obra do volume de poemas e a vida e a obra do seu poeta. Lúcia me disse que gostara. No nosso segundo encontro, um ano depois, ela me revelou a existência de *Batendo pasto*. Na época, ainda afirmava seu desejo de que o livro fosse póstumo e que somente se o publicasse junto com o livro de poemas-coisas de Zé Pavão, seu companheiro. Lúcia me deu uma cópia, datiloscrita, do livro (que tenho ainda) para que eu, comandava, escrevesse uma apresentação para o volume. Assim: missão — sem omissão possível, aos olhos dela. Durante os poucos dias que me restavam no Brasil, li o livro. Era (é) de uma amplitão que abarca imensos mundos íntimos; uma poesia consumada, que, num mesmo movimento, expande e adensa o sentido mais profundo do que — a nós mesmos, ao nosso próprio olharmo-nos —somos. (Por mais de um quarto de século, antes de nossos passos se acharem, eu vinha lendo toda a sua obra publicada, e a de seus irmãos, Maria Ângela e Chico: *Batendo pasto* — era claro — é um cume.) Sobre a apresentação que me comandara, protestei: não ser capaz; não ter tempo de estudar o livro; não ter como aprender a lê-lo como ela esperava e merecia. Mas, era Lúcia, e não nenhum lhe era resposta. Porém, (pura verdade) “porque era ela, porque era eu” (“e minhas circunstâncias”) infelizmente não pude mesmo, uma outra vez, obedecê-la¹¹. Nada, em Lúcia, passava sem pegadas, sem passado. Seu coração, seu amor, seu tremor eram o leito de um rio onde cada mais mínimo movimento das águas dos muitos heraclitianos rios daquele mesmo (e nunca o mesmo) rio, muda tudo e nada deixa para trás, leva-se consigo, tudo um todo.

5

Lúcia me presenteou com dois objetos que tenho ainda, e estimo como se flores que jamais fenecem. Um escorpião em terracota (meu signo e o dela, o que, para ela, era um pivô mítico) e uma caixa de fósforos, vazia, que ela transformara: numa face, uma foto amarela de Virginia Woolf fumando ideias ao ar, e, na outra, um *motif* abstrato, ondulado, azul, que talvez se possa ler como uma alusão a *The*

¹¹ A qualidade incontestável das contribuições de Paulo Henriques Britto e Ricardo Domeneck à recente publicação de *Batendo Pasto* pela Relicário Edições confirma, para mim, que meu temor de quase um quarto de século atrás era bem fundado.

waves¹². Mas, era sempre Lúcia, lúcida, e sempre, no sentido mais nobre, dura. Condenou-me por recriar os fragmentos de Safo indiretamente, sem conhecimento do grego. À possível defesa de que não se pretendia (nem se a vendera como) uma tradução em sentido estrito, que se afirmara com clareza outra a sua natureza, ela devotou a mesma impávida, sibilina, silenciosa e profunda firmeza com que os seus poemas se articulam diante de quem os lê¹³. E uma tradução que fiz, pra mim, de *L'invitation au voyage* de Baudelaire, quando a leu, perturbou-a profundamente porque, se relativamente fiel ao original no resto do poema, eu me acovardara e abandonara a, para ela, intocável *volupté* e, com isso, abjetamente arrastara o poema para uma terra devastada onde haveria, em vez, 'luxo, calma e beleza'. Sobre o abismo que ela via entre volúpia e beleza, paira pura a poesia de Lúcia. Recordo esses instantes dela fúria e dela forte, para afirmar o quanto, mais que uma "faca só lâmina" (como desafiou João Cabral), mais que uma "lâmina só gume" (como mais fina a afiou Paulo Henriques Britto), Lúcia é gume só fio, fio só sangue.

6

Mantivemos, por uns poucos anos, uma correspondência esparsa; ela sempre muito relutante e evasiva, se sempre exigindo notícias minhas. De vez em quando, me presenteava: livros recentes que lera e gostara. Descobrira Evandro Affonso Ferreira e me mandou, com elogios, *O mendigo que sabia de cor os adágios de Erasmo de Rotterdam*. Retribuí com *Une trop bruyante solitude* de Bohumil Hrabal, assim, em tradução para o francês. Entusiasmada, me deu de presente também *O duplo* de Fiódor Dostoiévski. Me escrevia como falava, aforismos sob arabescos. Aos poucos, se foi calando, para mim, de mim.

7

Na última vez em que nos encontramos, ela já mudara para Juiz de Fora. Fui visitá-la no Hotel São Luiz, onde morava. Como nas do Pontal, nas paredes do seu apartamento (que era clarão, comovido pelos anos, arejado, o marulho da vida da cidade grande ali pingava sem cair jamais no chão), eram quadros, colagens, imagens. As superfícies ela cobria de recortes e textos e fotos, num arranjo dela só, cuidadoso, meditação de bordadeira. Para que pudesse, num lampejo, vê-los, tê-los? Parecia-me que, para ela, tudo à sua volta sibilava. Conversamos, contra seu gosto, da nossa saúde de velhos. Ela, bem. Defronte ao escrutínio, falcão, nunca pelúcia. Falamos de amigos comuns, de poetas passados, das mazelas das velas roídas de tantas tontas caravelas cansadas. Insisti, insisti. Ela declamou dois poemas, de cór: uma voz serena e senhora. Nunca tinha ouvido Lúcia declamar. Os poemas soavam úmidos do novo, roucos de manhã. Eram sonetos, vastos de vista, negros. Lembraram-me Sá de Miranda, e Donne, e Coleridge. Ouviu-me a reação como se

¹² E, agora, me ocorre que o azul-amarelo possa aludir ao Brasil — Lúcia, acho, gostava de futebol, ou da Seleção, ou, disso sei ao certo, de Neymar, que ela carinhosa e manhosamente chamava de Neymarzinho, para ela ele, ainda e sempre, apenas o prodígio franzino pelos brutamontes caçado.

¹³ Lúcia, se a leu, terá se encantado com a tradução tão bela quanto erudita que Guilherme Gontijo Flores fez da obra de Safo e publicou em 2017.

o que eu falasse fosse o que lhe falava a chuva. Disse-me que, sim, estava escrevendo. Ao me despedir, me despedi por fim.

8

Nos últimos seus anos, não a vi. A vivi, lendo e lembrando. Nunca pudemos conversar com longo esmero sobre aquela de quem, quando se chega à margem do seu ser um mar, Lúcia é a rima selvagem. Na coragem e na têmpera, naqueles palácios de gravetos e estilhaços que criaram, onde a fronteira entre elas? Por um exemplo, pelo seu exemplo, delas, quando Lúcia morreu, assim pensei nelas:

Of Being is a Bird
The likest to the Down
An Easy Breeze do put afloat
The General Heavens — upon —

It soars — and shifts — and whirls —
And measures with the Clouds
In easy — even — dazzling pace —
No different the Birds —

Except a Wake of Music
Accompany their feet —
As did the Down emit a Tune —
For Ecstasy — of it¹⁴

*De Ser é um Passarinho
O mais como a Penugem
A Brisa Leve o leva longe
Os Céus Gerais — a cimo —*

*Se eleva — e quina — e gira —
Das Nuvens mede a linha
Veloz — verás — quão Fácil o faz —
Bem fosse um Passarinho —*

*Um Despertar de Música
Porém lhes fosse aos pés —
Penugem que trinará —
Por Êxtase — o que é*

9

Agora, com seu gato Lohengrin que Deus comeu¹⁵, uma enigma¹⁶, por um véu de mistério oculta, no coração de um labirinto, Lúcia luzia. E lá, *ma lectrice*, onde os séculos são grãos de areia, jamais deserta ou desertada, ela te espera.

¹⁴ Johnson 653 (Franklin 462)

¹⁵ *Batendo pasto*, Belo Horizonte: Relicário Edições, 2020, p. 87.

¹⁶ Traindo Churchill que, numa transmissão de rádio em 1939, disse da União Soviética (que, ele, *Tory* imperialista e turrão, teimava em, anacronicamente, chamar de Rússia) que esta era ‘a riddle, wrapped in a mystery, inside an enigma’.

maria lúcia alvim por guilherme gontijo flores¹⁷: poema e testemunho

As almas seguem neste almofariz
No templo ninguém vê que os fariseus
vencem o dia sempre por um triz
e nisso comem o nome de deus
As almas seguem neste almofariz
e maceradas vivem com seu peso
o pasto aumenta a morte agora diz
uma palavra opaca envolta em pez
Os corpos seguem logo sem ter paz
nada no tempo garante um depois
nada disso era certo nem se quis
do jeito certo e feito uma aguarrás
desce a garganta esfolada musgo e pus
As almas seguem neste almofariz

É, hoje, uma das maiores influências que carrego, inclusive nos poemas que escrevi antes de a conhecer; carrego-a assim comigo como amiga de longe, aquela que nunca vi em carne, em vida, a múltipla que deixa rastro à frente e atrás, a lúdica que conclama continuidades de antes e depois, a tétrica que se arvora no arcaico e sobe até achar o chão, o borralho sob a trempe, onde estamos todos. A única que segue sendo aquela via vária. Digo que revejo poemas anteriores à leitura de Maria Lúcia Alvim e a vejo já-lá, como influência desconhecida e incontornável. Hoje a abraço quando a reconheço, espero atento que haja cada vez mais braços, e nisso traço quanto posso, dentro e fora, e somos mais e outros. Partilho com ela alguma tradição parelha? Sei-o e não sei. De certo modo, sigo consigo no além-fim, invertendo pegadas. (Quem sabe como a estela que instalei pra ela, junto ao Kondo, gesto extremo.) Este poema aqui é dos que vieram sabendo-a junto, depois de sua morte; não é pra ela, ou sobre ela, ou diretamente derivado dela, e ainda assim nela estala; não tem seu nome, é certo, mas talvez, sem que eu decida, tem também a sua assinatura que ali coincida.

¹⁷ Guilherme Gontijo Flores (Brasília, 1984) é poeta, tradutor e professor na UFPR. Autor de *Todos os nomes que talvez tivéssemos, carvão :: capim* e *História de joia*, entre outros, traduziu obras de autores como Safo, Horácio Propércio, Rabelais, Burton, Celan etc., e publicou os ensaios “A mulher ventriloquada” e “Algo infiel”, este em parceria com Rodrigo Tadeu Gonçalves. É coeditor do blog escamandro e membro da Pecora Loca.